

## RESÍDUOS MEDIEVAIS DA SIMBOLOGIA CRISTÃ NO ROMANCE A RAINHA DO IGNOTO DE EMÍLIA FREITAS

### MEDIEVAL RESIDUES OF CHRISTIAN SYMBOLOGY IN THE ROMANCE THE QUEEN OF IGNOTO BY EMÍLIA FREITAS

Cícero Bôscoly Mangueira de Moraes<sup>1</sup>  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1163-6265>

Enviado em: 04/02/2025  
Aceito em: 30/03/2025  
Publicado em: 18/06/2025

**Resumo:** A pesquisa tem como objeto de estudo o romance *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas. O objetivo geral é investigar de que modo a simbologia cristã se configura como resíduo medieval na obra em questão, ou seja, analisar essas remanescências no século XIX, época em que o livro foi escrito, identificando o *sagrado* e o *profano* tanto na rotina das personagens que vivem no vilarejo de Passagem das Pedras, quanto no modo de vida de Funesta e de suas paladinas, que habitam a Ilha do Nevoeiro, e investigar o dualismo medieval, presente no romance, sob a ótica da Teoria da Residualidade. Os fundamentos teóricos que amparam este trabalho terão como referência os conceitos de base e autores da Teoria da Residualidade e seus conceitos de resíduo, mentalidade e imaginário de Pontes (2017); Martins (2015); Torres (2017), além de duas categorias medievais: “o sagrado e o profano”, alicerçadas nos estudos de Le Goff (1991); Franco Jr, (1994); Duby e Perrot (1990), dentre outros medievalistas que se farão necessários ao longo da pesquisa. Os estudos de Todorov (2017) também contribuem para analisar a presença da Literatura Fantástica na obra. Para analisar a condição da mulher no contexto em que a obra se insere, tanto na perspectiva das personagens quanto na forma de pensar de Emília Freitas, apropriamo-nos, também, de conceitos da crítica feminista, representada pelas ideias de Duarte (1990).

**Palavras-chave:** Residualidade. Medieval. Feminino. *Rainha do Ignoto*.

**Abstract:** The research has as object of study the novel *A Rainha do Ignoto*, by Emília Freitas. The general objective is to investigate how Christian symbology is configured as a medieval residue in the work in question, that is, to analyze these remnants in the nineteenth century, the time when the book was written, identifying *the sacred* and the *profane both in the routine*

<sup>1</sup> Mestrado em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará. Professor efetivo da Secretaria Municipal de Ensino (SME). Pesquisador do Gerlic. Email: [boscolydemoraes@gmail.com](mailto:boscolydemoraes@gmail.com)

of the characters who live in the village of Passage of Stones, and in the way of life of Funesta and his paladins, who inhabit the Island of the Fog, and investigate the medieval dualism, present in the novel, from the perspective of the Theory of Residuality. The theoretical foundations that support this work will have as reference the basic concepts and authors of the Residuality Theory and its concepts of residue, mentality and imaginary of Pontes (2017); Martins (2015); Torres (2017), in addition to two medieval categories: "the sacred and the profane", based on the studies of Le Goff (1991); Franco Jr. (1994); Duby and Perrot (1990), among other medievalists who will be needed throughout the research. The studies of Todorov (2017) also contribute to analyze the presence of Fantastic Literature in the work. To analyze the condition of women in the context in which the work is inserted, both in the perspective of the characters and in the way of thinking of Emilia Freitas, we also appropriated concepts of feminist criticism, represented by the ideas of Duarte (1990).

**Keywords:** Residuality. Medieval. Female. *Queen of Ignoto*.

## Introdução

O romance *A Rainha do Ignoto*, de Emilia Freitas, foi publicado em 1899. A história começa com a chegada de dr. Edmundo a um vilarejo muito simples, chamado Passagem das Pedras e, ainda nas primeiras páginas, ele se depara com a Rainha do Ignoto, uma mulher temida pelo povoado por ser considerada uma assombração. A partir daí, Edmundo passa a investigar a vida da Funesta até conseguir se infiltrar em uma sociedade secreta de mulheres, localizada na Ilha do Nevoeiro.

No decorrer da história, Edmundo tem outra percepção da Funesta, considerando-a uma deusa e uma rainha e não mais como uma bruxa. Esse encantamento o encorajou, com ajuda de Probo, o caçador de onças, a entrar nessa misteriosa ilha do atlântico e a conhecer de perto o poder de uma líder que tinha como objetivo lutar contra a desigualdade social que existia em todas as regiões do Brasil.

Os moradores da ilha tinham recursos financeiros inesgotáveis e relações com todos os estados brasileiros. A bordo do Tufão, uma embarcação poderosa, elas iam, de cidade em cidade, libertar as pessoas de uma vida opressora. Durante sua estada acompanhando a Funesta, Edmundo presencia várias atitudes dela, ora se revelando uma mulher divina, pelas habilidades sobrenaturais, ora parecendo um ser frágil e insegura. No capítulo LXV, cujo título é *O coração vence a cabeça*, Diana, um dos nomes da Funesta, se aproxima de Edmundo, disfarçado de uma das paladinas e

diz: “A natureza tem uma alma. É a alma universal do infinito dos pensamentos dos seres. Em breve meu corpo também entrará para a corrente da vida universal. Mas aonde irá esse princípio que em mim pensa, sente e quer?” (Freitas, 2019, p. 293)

Diversas são as possibilidades de estudo na obra *A Rainha do Ignoto* (1899), dada a sua complexidade e variedade nas questões literárias, históricas, culturais e sociais. O nosso foco de análise está na investigação de resíduos da simbologia cristã do medievo na obra do século XIX, porém, torna-se fulcral iniciar o trabalho fazendo uma abordagem biográfica de Emília Freitas, pois sua história comprova que ela é a paladina das paladinas.

A escritora cearense merece o devido reconhecimento pelo seu pioneirismo na estética literária adotada no final do século XIX e pela forma de conseguir reunir, em uma só obra, o tradicional através da herança cultural do gótico, da simbologia cristã e da moral da sociedade da Idade Média; e o moderno, por meio da inovação do estilo literário e do empoderamento feminino, por exemplo.

Emília Freitas nasceu em Aracati, no ano de 1855. Foi considerada uma das principais escritoras da sua época. Ainda muito jovem, após a morte do seu pai, a escritora foi para Fortaleza, onde participou da vida cultural da cidade, destacando-se na defesa dos escravos. No romance em questão, ela inclui diversas vezes esse tema, como está presente no capítulo LX: “Libertou cem escravos e cativou duas moças” (Freitas, 2003, p. 377).

O fato de *A Rainha do Ignoto* ter sido escrito por uma mulher e estar repleto de temas polêmicos como o fim da escravidão, a valorização feminina, a magia, a bruxaria, o espiritismo, o hipnotismo, entre outros, serviram de motivo para que a obra fosse esquecida por muito tempo, como afirma Ribeiro:

(...) tal proposta no Brasil da época e na tradição do romance entre nós, é de uma ousadia inédita e só poderia ter caído no vazio e num completo ostracismo, como de fato ocorreu. Porém, o que se percebe atualmente é que a obra está sendo redescoberta e estudada não só no Ceará, mas em todo o Brasil. (Ribeiro, 2003, p. 3)

Por ser uma história que se passa no século XIX, a autora inova, em primeiro lugar, ao escrever uma obra pertencente ao realismo fantástico. Durante a leitura, os dois momentos são claramente perceptíveis. No início, predominam situações, ambientes e seres reais que mostram a vida pacata dos moradores de Passagem das Pedras, distrito que pertencia ao município de Aracati. Porém, à medida em que a história vai avançando, passamos a conhecer melhor o lado fantástico, sobrenatural e psicológico do romance.

Outro aspecto que chama atenção para a época é o fato de conter, no livro, uma severa crítica ao patriarcalismo, pois, como sabemos, à época, as obras literárias não abordavam tal assunto mais detidamente. Com um grande número de personagens femininas participando da história, Emilia Freitas consegue mostrar que a mulher pode desempenhar funções relevantes na vida social, como ocorre na Ilha do Nevoeiro, um lugar desenvolvido, harmonioso e habitado apenas por mulheres.

É nesse conflito entre a ruptura do empoderamento feminino com a tradição do imaginário medieval que destacamos a presença da simbologia cristã; assunto pouco revisitado no romance pelo meio acadêmico. O dualismo dessa simbologia está presente em grande parte da história e pode ser entrevisto no comportamento das personagens.

Na trama em questão, a protagonista, conhecida como Funesta, possui poderes sobrenaturais, parece ter pacto com o demônio e se utiliza de várias formas de magias. Algumas situações podem ser explicadas ao longo da história, como as roupas que a paladinas usam, por exemplo, são trajes que aludem à maçonaria. A Funesta possui habilidades de hipnotizar as pessoas, técnica da psicanálise, desenvolvida e depois abandonada por Freud no final do século XIX.

A presença do sertão medieval, inserido no modo de vida arcaico da população de Passagem das Pedras, também constata a forte presença da simbologia cristã do medievo, ou seja, a forma como as personagens do povoado de Passagem das Pedras interpretava a presença mística da protagonista do romance era um exemplo típico da

herança do imaginário do medievo, principalmente quando a Funesta se apresentava como uma mulher com poderes sobrenaturais sendo muitas vezes comparada a uma bruxa ou a Nossa Senhora.

— Te fazia mais inteligente, Valentim! Não vês que isto é uma história de bruxa sem fundamento, inventada pela superstição do povo?

— Quem disse ao senhor doutor que é história de bruxa? — disse o menino com exaltação. — Acredito porque eu mesmo vi. Em uma tarde dessas, ia eu com minha irmã Ritinha pastorear umas cabras, lá para as faldas do Areré. Não se ria, senhor doutor, olhe que eu vi, não estou mentindo... Ela estava de pé sobre o monte, tinha um livro aberto na mão, mas não lia, olhava para o céu como aquela Nossa Senhora da Penha que está pintada num quadro da igreja do Nosso Senhor do Bonfim. (Freitas, 2019, p. 24)

O diálogo entre o jovem Valentim e o doutor Edmundo confirma a mentalidade coletiva que remanesce do período medieval ao associar a aparição da Funesta unicamente à dicotomia do mal, do diabólico ou do bem, do divino.

A partir da observação desses comportamentos peculiares das personagens, torna-se justificado o uso da Teoria da Residualidade como referencial teórico para aprofundar e contextualizar as categorias de análise “sagrado” e “profano” como resíduos do medieval que recorrem na obra.

### **Resíduos medievais da simbologia cristã em A Rainha do Ignoto**

A Rainha do Ignoto é um romance do final do século XIX repleto de simbologias cristãs da Idade Média. Para Le Goff (1998, p.43), a função do símbolo é religar o alto e o baixo, criar entre o divino e o humano uma comunicação tal que eles se unam um ao outro. A esses fenômenos sobrenaturais, Mircea Eliade (2001, p.17) destaca o sagrado, atribuindo-lhe o nome de hierofania.

Segundo Franco Junior (1994, p.150-151), o homem era colocado como centro da luta entre o bem e o mal, com sua alma disputada por anjos e demônios, por esse motivo, era comum contar com apoios preciosos, de caráter hierofânico. O estudo das

estruturas mentais é relativamente novo na reconstrução da história, principalmente quando o objetivo é especificamente analisar a presença do sagrado e do profano como partes do imaginário medieval.

Por essa razão, o estudo da Residualidade se torna necessário como um aporte teórico essencial para fomentar a teoria dos medievalistas e explicar de que maneira as culturas de uma época remanescem em outra. Para compreender a presença dos resíduos do medievo no romance ARDI, é essencial entender o sentido de mentalidade e de imaginário a partir da ótica de medievalistas e residualistas.

Franco Júnior, assim como seu mestre Jacques Le Goff, é um propagador do estudo da História das Mentalidades, podendo ser concebida com o sentido de história psicossocial e “indicando o primado psicológico nos seus aspectos mais profundos e permanentes, mas sempre manifestados historicamente, dentro e em função de um determinado contexto social, que por sua vez passa a agir em longo prazo sobre aquele conjunto de elementos psíquicos coletivos”. Segundo Le Goff (1976, p.71):

A história das Mentalidades situa-se no ponto de junção do indivíduo e do coletivo, do longo tempo e do quotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral. (Seu) nível é aquele do quotidiano e do automático, é o que escapa aos sujeitos particulares da história, porque revelador do conteúdo impessoal de seu pensamento, é o que Cesar e o último soldado de suas legiões, São Luís e o camponês de seus domínios, Cristóvão Colombo e o marinheiro de suas caravelas têm em comum.

No campo da Teoria da Residualidade, José William Craveiro Torres (2017) e Roberto Pontes (2012, p.18) definem imaginário e mentalidade como sendo “o conjunto de imagens que um determinado grupo de certa época faz de si e de tudo o que está a sua volta; ou seja, imaginário vem a ser o modo como um grupo social enxerga ou pensa o mundo em que vive; o modo como (re)age a algo, como sente (no sentido mais amplo da palavra sentir) e como percebe tudo aquilo que o afeta. Já a mentalidade, grosso modo, seria o modo de agir, de pensar e de sentir que teria se

originado ainda na pré-história e se mantido ao longo da cadeia evolutiva do homem, praticamente o mesmo até os dias de hoje".

Com base nessas definições acerca de mentalidade e de imaginário, conseguimos entender a semelhança de ideias entre os residualistas e os historiadores, confirmando, também, a presença da hibridação cultural nesse contexto. Quando aplicamos essas teorias no romance ARDI, conseguimos compreender de que forma a cultura medieval se apresenta remanescente no comportamento dos personagens do século XIX.

Segundo Silva & Silva (2009), o imaginário é o conjunto de imagens guardadas no inconsciente coletivo de uma sociedade ou de um grupo social; é o depósito de imagens de memória e imaginação. Isso explica como certos comportamentos da Idade Média são identificados no século XIX, por exemplo.

Assim como pensam os residualistas, segundo Franco Jr, para captar os conteúdos inconscientes da psicologia coletiva, os historiadores devem analisar o imaginário da sociedade:

De fato, o imaginário nesta construção recorre aos instrumentos culturais de sua época e a elementos da realidade psíquica profunda, quer dizer, da mentalidade. Porém, desta forma o imaginário elabora historicamente algo que pela sua longuíssima duração é quase a-histórico. Assim, os significantes (palavras, símbolos, representações) que o imaginário utiliza alteram os significados (conteúdos essenciais) da mentalidade, decorrendo disso a dinâmica dela. (Franco Jr, 1994, p. 171- 172)

Essa definição aponta diretamente para os elementos residuais estudados em ARDI, dada a quantidade de elementos simbólicos que surgem, principalmente relacionados ao que pode ser considerado sagrado ou profano. Tal concepção pode sofrer mudanças de perspectiva no imaginário das pessoas, basta compararmos a ideia de sagrado na Grécia Antiga com a Idade Média.

Contudo, a mentalidade é mantida pelo inconsciente coletivo, remanescente em outras épocas, como ocorre com o perfil cultural e religioso das mulheres que vivem na

Ilha do Ignoto contrapondo com as mulheres de Passagem das Pedras. Enquanto a postura das paladinas e de sua líder remetiam às deusas da Antiguidade Clássica, com destaque para poderes sobrenaturais e empoderamento feminino, no povoado do interior do Ceará, dona Matilde, Virgínia, professora Rachel, Carlotinha, entre outras, tinham comportamentos cristãos em tudo o que faziam e aceitação de suas limitações pelo fato de serem mulheres.

Dona Matilde não passava de uma dona de casa com seus afazeres domésticos, Virgínia era descrita como uma mulher muito debilitada, a professora Rachel, que não faltava nenhuma missa e sempre ajudava com os eventos da igreja: “A professora, nas festividades religiosas era tão necessária como o Vigário. Era ela quem ensaiava os cânticos, preparava as meninas para a comunhão, oferta das flores, coroação de Nossa Senhora e ainda vestia os anjos para a procissão (Freitas, 2003, p.69).

Carlotinha tinha o corpo frouxo, era humilhada por outras mulheres de Passagem das Pedras e dependia emocionalmente de Edmundo. Durante toda a história, Carlotinha sofre de amores por Edmundo, enquanto este se dedica apenas a perseguir a Funesta para descobrir seus mistérios. Apenas quando Edmundo retorna é que ele decide se casar com ela, pois sabia que Carlotinha o aguardava de coração aberto.

Carlotinha,

Sei que tem guardado na alma singela e pura um sentimento bom a meu respeito, o que, após três anos, leva-me a procurá-la a fim de que tenha uma verdadeira idéia daquele que nunca deu motivo para se desconfiar de seu bom senso nem do seu caráter. Portanto, rogo-lhe que espere confiante o sincero agradecimento que irá, em breve, pessoalmente, levar-lhe quem se preza de ser homem de bem.

E...

Carlotinha devorou com a vista aquela inicial, desejou-a ligada a outras letras que formassem o nome que tinha em mente. Encheu-se-lhe o peito de um louco contentamento, e seu coração não se enganava: era dele a missiva. (Freitas, 2003, p. 412).

Além dessas questões, é possível identificar também dicotomias específicas ao longo do romance, tais como: passado *versus* futuro, real *versus* fantástico e vida

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

*versus* morte. O passado e o futuro aparecem por meio do grande contraste entre a forma arcaica como os moradores de Passagem da Pedras viviam, lembrando, muitas vezes, a rotina medieval nos feudos e a vida avançada e tecnológica da Funesta e de suas paladinas na Ilha do Nevoeiro e, como mostram as passagens a seguir:

Os habitantes das povoações ou aldeias dormem cedo, por isso na Passagem das Pedras a pouco mais das dez horas da noite, só se via brilhar uma luz, cuja claridade saía da janela do oitão da casa do fim da rua. Tudo mais era treva, e silêncio sob a imensidão do céu estrelado (Freitas, 2003, p.18)

Os jardins eram uma surpreendente maravilha! Havia neles todas as flores de cujo desabrochar Lineu compôs um relógio, de forma que eram as pétalas recendentes desses mimos da natureza que ali marcavam as horas saindo do cálice onde estiveram em botão. Tudo quanto a botânica e a zoologia possuem de belo, de raro e de precioso, os jardins do Ignoto ostentavam bem ordenado e classificado por mão de mestre! As dependências do palácio eram uma cidade ativa pela fumaça das fábricas que trabalhavam, pelo bater de ferro nas oficinas e pela voz das crianças nas escolas. (Freitas, 2003, p.146)

Outra aparição futurista diz respeito ao acesso para se chegar à Ilha do Nevoeiro. O trecho abaixo nos mostra um diálogo em que Probo explica ao doutor Edmundo como conseguirão ter acesso à ilha do Nevoeiro:

— Não se assuste, senhor, vamos chegar à estação da estrada de ferro; e o trem vai partir, apressemos os passos.  
— Como, Sr. Probo? um caminho-de-ferro subterrâneo?! perguntou o Dr. Edmundo admirado.  
— Sim, doutor, é muito natural, pois a soberana do Ignoto não podia transpor tão depressa as cinco léguas que separam o porto de seu reino desta gruta sem ser por caminho-de-ferro.  
— Já começo a crer na maravilha do conto...  
— Como não! Veja com seus olhos, disse Probo, e depois me chame visionário (Freitas, 2003, p. 177)

Franco Junior (1994) nos diz que a literatura medieval abunda em relatos de viagens ao Outro Mundo, sinal de que não se tratava apenas da fantasia de alguns poetas, mas da expressão de um elemento sempre presente na psicologia coletiva da

época. Tais viagens eram empreendidas das mais diversas formas (a pé, a cavalo, de barco), quase sempre havendo um guia (anjo, animal, alma), dirigindo o personagem ao objetivo (inferno geralmente no mundo subterrâneo ou o Paraíso numa ilha ou montanha).

Nesse sentido, percebemos diversas passagens no romance que demonstram esses traços residuais cristalizados com o tempo. No capítulo XLV: Navegando no Amazonas" (Freitas, 2003, p. 211), a Rainha do Ignoto utiliza o seu navio Tufão para fazer viagens importantes. No capítulo III: "Dois tipos de criados", (Freitas, 2003, p. 31) identificamos que a Funesta anda sempre acompanhada de dois guias, espécie de monstros que a protegia. O capítulo IV: "A visita à gruta" e o capítulo XXVI: "Maravilhas sobre maravilhas!" (Freitas, 2003, p. 31 e 132) nos apresentam os dois lugares por onde a Rainha do Ignoto transitava: a caverna, considerada pelos moradores de Passagem das Pedras como se fosse o inferno e a ilha do Nevoeiro, tido pelas paladinas como o paraíso na terra.

O real e o fantástico também apresentam suas particularidades na história, ou seja, no momento em que a estrutura narrativa apresenta traços verossímeis, podemos perceber, então, a presença do sagrado medieval a partir da crença das personagens em santos, da veneração à Nossa Senhora e pelo temor a Deus.

Para Delumeau (2009), há de ser considerado, contudo, que aquilo que foi considerado bruxaria pelas autoridades clericais tem uma base antiquíssima de ritos e práticas mágicas provindas dos cultos ancestrais, mas, segundo Le Goff (2004), durante a Idade Média, por intermédio da ressignificação dos símbolos sagrados, as práticas mágicas que não fossem reconhecidas pela Igreja, eram depositadas no domínio do maligno.

O trecho abaixo demonstra a mentalidade dos moradores de Passagem das Pedras ao lidarem com o sobrenatural. Durante o velório de Virgínia, vimos que as pessoas não conseguem chegar a uma conclusão que possa explicar o fenômeno, ora

atribuindo a Deus ora ao demônio, reforçando, assim, o dualismo marcante na história.

— É o enterro da santa, acudiu um menino.  
— Que santa, menino? Quem sabe lá de quem morre!  
— É certo, minha tia, apareceu um pombo trazendo uma grinalda e uma carta do céu.  
— Eu hei de saber disso quando falar com o senhor vigário.  
— Comadre, disse uma velha, esta terra está cheia de feitiços, de bruxarias! Não seja isto arte da Funesta? ...  
As mulheres saíram da igreja, cujas portas o sacristão acabou de fechar, e foram continuar os comentários em casa com as vizinhas. (Freitas, 2003, p.111)

Na dicotomia vida e morte, é possível encontrar simbologias cristãs em atitudes variadas de personagens tanto do núcleo real quanto no fantástico. Algumas delas acreditam na existência do céu, do inferno e do purgatório e procuram ter uma vida correta para conseguir o paraíso, característica do sagrado medievo.

Outras personagens, porém, praticam o suicídio para aliviar sofrimentos, atitude veementemente condenada pelo cristianismo medieval. Entre as várias personagens que tiraram a própria vida durante a narrativa está a Funesta, pois não suporta a solidão por causa de um amor não correspondido. Então, ela opta pela única transgressão possível, e a mais radical, o suicídio. A seguir, veremos um trecho em que a Rainha do Ignoto se despede de suas paladinas:

— Companheiras, ouvi-me e condenai-me se eu merecer. Vós que vistes em mim a coragem, a resignação, o modelo de outras virtudes que só vós possuíis, ides ficar pasmadas quando souberdes que a Rainha do Ignoto era a mais fraca e mais infeliz de vós todas! Ah! quantas vezes vos animava a viver alegres e dedicadas ao Bem, trabalhando para uma indústria, uma arte, ou uma ciência, e tinha o coração despedaçado... (Freitas, 2003, p. 424)

A ação cometida pela Funesta no desfecho da história, confirmando sua falta de fé em Deus e pelo completo vazio que ela sentia, mesmo fazendo o bem às pessoas e sendo exaltada constantemente pelas suas paladinas reflete também o fato de que ela

não temia o inferno tão difundido no período medieval. De acordo com Durkheim, na obra *O Suicídio* (1897), existem três tipos de suicídio: o suicídio egoísta, o suicídio altruísta e o suicídio anômalo. Poderíamos afirmar que a protagonista comete suicídio anômalo, conforme explanado por Alós:

O suicídio anômalo acontece quando a ação de autodestruição é movida por não se ter mais perspectivas futuras, como se não houvesse mais como evoluir socialmente. A partir do momento em que o sujeito atinge uma certa posição de poder que lhe permita não se submeter às regras ditadas pelo social, ele não vê mais motivos para existir socialmente. Tal como suicídio egoísta decorre de hipertrofia do ego individual frente ao ego social, mas ambos são movidos por razões distintas. (Alós, 2005, p. 119)

Na Europa antiga, especialmente na época do Império Romano, o suicídio era um ato aprovado e às vezes até honroso. Influenciados pela doutrina estoica, os romanos reconheciam muitas razões legítimas para o suicídio. Filósofos romanos como Sêneca consideravam o suicídio como o último ato de um homem livre. No entanto, para Santo Agostinho o suicídio era essencialmente um pecado.

Vários concílios da igreja católica definiram que aqueles que cometessem suicídio deveriam ser privados dos ritos fúnebres da Igreja, bem como impedidos de ser enterrados em cemitérios “sagrados”, isto é, abençoados pela Instituição. A lei medieval promovia o confisco dos bens do suicida e os costumes da época permitiam a mutilação do corpo.

O imaginário medieval referente às representações femininas é formado por um conjunto muito diverso de interpretações a partir da sobreposição de inúmeros modelos. Partindo dessa observação, as mulheres de Passagem das Pedras se comportam como se quisessem seguir a figura de Maria. Os principais modelos do comportamento ideal não poderiam deixar de ser Cristo e sua mãe Maria, esta, modelo para as mulheres por permanecer virgem mesmo casada (Le Goff, 2008, p. 140).

Segundo Delumeau (2009, p. 475), o modelo de Maria, a eterna virgem, cuja divina concepção não foi manchada pelos pecados da carne, é um modelo inatingível.

Maria é a imagem perfeita porque marca o divino feminino desprovido de tentações e subserviente à ordem masculina. A Mãe de Deus encarna a maternidade ideal: fiel ao Filho e resignada aos seus mandos.

## Conclusão

Ao observarmos na obra de Emilia Freitas, datada do século XIX, a presença de traços medievais da simbologia cristã, ficam evidentes os *resíduos de primeiro grau*. Trata-se da remanescência de vários aspectos do medievo presentes no romance A Rainha do Ignoto. O comportamento das personagens, o *modus vivendi* na trama, a presença dos preceitos cristãos, a bruxaria, o patriarcalismo são exemplos de traços mediévicos na obra, apesar de que esses traços também aparecerem em períodos mais remotos. Georges Duby já apontava a questão dos *resíduos* encontrados de uma época em outra, como vemos a seguir:

Com efeito, considerávamos que no seio de “uma mesma sociedade” não existe um único resíduo. Pelo menos sabíamos que esse resíduo não apresenta a mesma consistência nos diversos meios ou estratos de que se compõe uma formação social. Sobretudo, considerávamos inaceitável qualificar como “estável” esse, ou melhor, esses (fazíamos questão do plural) resíduos. Eles se modificam ao longo das idades e nossa proposta era justamente seguir com atenção essas modificações (Duby, 1992, p. 69)

Por fim, os textos literários colaboram com a compreensão do modo de pensar e agir de determinada época. Ademais, é a partir destes que podemos identificar determinados elementos que se perpetuaram desde épocas remotas. Sendo a literatura o resultado da subjetividade humana, é constituída de resíduos da mentalidade, pautados estes, no imaginário e na ideologia que constroem a visão de mundo dos indivíduos, em especial a dos escritores no momento de elaboração de suas obras.

## Referências

- ALÓS, Anselmo. "O romance gótico e a crítica ao patriarcado no século XIX: A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas". *Salão de iniciação Científica*. Rio Grande do Sul: UFRGS :2001.
- DELUMEAU, Jean. A história do medo no ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DUARTE, Constância Lima. "Emília Freitas". In MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- DUBY, G. & PERROT, M. *História das Mulheres: a Idade Média*. Porto: Afrontamento, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Imagens da mulher*. Afrontamento, 1992.
- DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- FREITAS, Emilia. *A Rainha do Ignoto: romance psicológico*. 3<sup>a</sup> ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Tradução Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Uma longa Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MARTINS, Elizabeth Dias. "O caráter afrobrasiluso, residual e medieval no Auto da Compadecida". In: *IV Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Belo Horizonte: PUC-Minas: 2003. p. 517-522.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto. *Bruxaria e História: as práticas mágicas no Ocidente cristão*. São Paulo: EDUSC, 2004

PONTES, Roberto. *Reflexões sobre Residualidade*. Comunicação na Jornada Literária. “A Residualidade ao alcance de todos”. Departamento de Literatura da UFC, Fortaleza, julho de 2006.

\_\_\_\_\_. *Entrevista sobre a Teoria da Residualidade*, com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira, em 05/06/06. Fortaleza: (mimeografado), 2006.

\_\_\_\_\_. “Três modos de tratar a memória coletiva nacional”. In: *Literatura e memória cultural – Anais do 2º congresso da ABRALIC*, v. II, p. 149-159, Belo Horizonte, 1991.

RIBEIRO, Luis Filipe. *A Modernidade e o Fantástico em uma Romancista Brasileira do Século XIX*. In. Geometrias do Imaginário. Ediciones Laiovento, 1999.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

TORRES, José William Craveiro. *Além da cruz e da espada: acerca dos resíduos clássicos d'A Demanda do Santo Graal*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2011.

WILLIAMS, Raymond. “Dominante, residual e emergente”. In: *Marxismo e Literatura*. Trad. de Waltemir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1979.